

# DESCRIÇÕES IMAGÉTICAS NA LIBRAS

MARCOS LUCHI

## RESUMO

Neste estudo, discute-se a iconicidade da língua de sinais a partir de pesquisas realizadas por Campello (2008) e Luchi (2013) sobre as Descrições Imagéticas, elementos presentes na Língua Brasileira de Sinais – Libras. As Descrições Imagéticas foram primeiramente chamadas de Estruturas Altamente Icônicas (EAI) por Cuxac (1996), que fez uma separação entre o léxico padrão, apontamentos manuais e essas estruturas (PIZZUTO et al. 2006). Cuxac (1996) trabalhou três tipos de transferências, que foram acrescidas de mais duas por Campello (2008), sendo essas 1) Transferência de Tamanho e de Forma (TTF), 2) Transferência Espacial (TE), 3) Transferência de Localização (TL), 4) Transferência de Movimento (TM) e 5) Transferência de Incorporação (TI). Este artigo visa a explicitar cada uma dessas transferências com exemplos práticos na Libras e algumas implicações dessas na relação com a iconicidade dessa língua. Por fim, problematiza-se o perigo de se analisar as línguas de sinais em bases de línguas orais, podendo gerar um apagamento da visualidade. Espera-se que novas pesquisas tragam essa perspectiva, lembrando da natureza icônica das línguas sinalizadas.

## INTRODUÇÃO

As línguas de sinais vêm avançando muito nos Estudos Linguísticos. A partir de pesquisas realizadas na Língua Americana de Sinais (ASL), na década de 50, Stokoe (1960) comprovou o status linguístico desta, abrindo um campo vasto e fértil para estudos no mundo inteiro. No Brasil, por exemplo, os estudos da Língua de Sinais Brasileira (LSB)\* iniciaram-se na década de 80 (Ferreira-Brito, 1986). Desde então, a língua de sinais tem sido estudada em seus mais diversos níveis: semântico, pragmático, fonológico, fonético, sintático e morfológico.

Descrições Imagéticas (CAMPELLO, 2008) é um novo termo utilizado para se referir ao que ainda é chamado na língua de sinais como classificadores. (BRITO, 1995; FELIPE, 1998). A partir de novas pesquisas que abordam os estudos da iconicidade nas línguas de sinais, pode-se concluir que, diferente das línguas orais, nas línguas sinalizadas há duas formas de produção de significado: uma pelas Estruturas Altamente Icônicas (EAI) e outra pelo léxico padrão e apontamentos manuais, sendo esta

\* ou Libras – Língua Brasileira de Sinais - como se encontra em alguns documentos oficiais como a Lei 10.436/02 e o Decreto 5.626/05

**MARCOS LUCH** - Possui graduação em Letras LIBRAS (2012) e mestrado em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina (2013). Atualmente, professor titular na mesma Universidade de formação, com experiência na área de Linguística, com ênfase em Estudos da Tradução/ Interpretação de Libras/Língua Portuguesa. E-mail para contato: marcosluchi@gmail.com.

segunda algo mais semelhante às línguas orais (PIZZUTO et al. 2008). O termo utilizado por Cuxac (1998) para as EAI é o de 'transferência', apontando inicialmente três tipos: transferências de forma e tamanho, transferências de situação e transferências de pessoa.

Campello (2008), em sua tese de doutorado, com base na teoria de Cuxac (1998) sobre as EAI, propôs cinco tipos de transferências em substituição ao termo "classificadores": 1) Transferência de Tamanho e de Forma (TTF), 2) Transferência Espacial (TE), 3) Transferência de Localização (TL), 4) Transferência de Movimento (TM) e 5) Transferência de Incorporação (TI).

Ao analisar interpretações de Descrições Imagéticas por dois intérpretes, Luchi (2013) percebeu a necessidade de pesquisas que apontem um modelo ou modelos de interpretação de DI, por perceber essa falta de padrão e a quantidade expressiva de omissões presentes nessa amostragem. Em sua pesquisa, Luchi (2013) desenvolveu materiais para interpretação que se constituíram em excelentes Descrições Imagéticas para serem analisadas linguisticamente como se mostra nesse trabalho juntamente, com as descrições encontradas na tese de Campello (2008).

## TRANSFERÊNCIA DE TAMANHO E DE FORMA (TTF)

Como o próprio nome diz, essa transferência se aplica ao tamanho e à forma dos referentes. Segundo Campello (2008):

[...] dentro da especificidade da estrutura icônica, a transferência de tamanho serve para representar o signo visual independentemente do tamanho que seja for, que pode ser grande, pequeno, miúdo, colosso, maior, avantajado, vasto, corpulento, alto, de longa extensão, comprido, longo, excessivo, agudo, forte, intenso, violento (dependendo do envolvimento sentimental), poderoso, importante, notável, de qualidade superior, marcante, pouco extenso, pouco volume, estatura abaixo da média, valor inapreciável, acanhado, mesquinho, insignificante, humildade, sentimento de inferioridade, medo, menor, [...] pequeno, etc. e as formas podem ser configuradas de acordo com as características físicas, dos seres e das coisas como decorrência da estruturação de suas partes [...] (CAMPELLO, 2008, p.213)

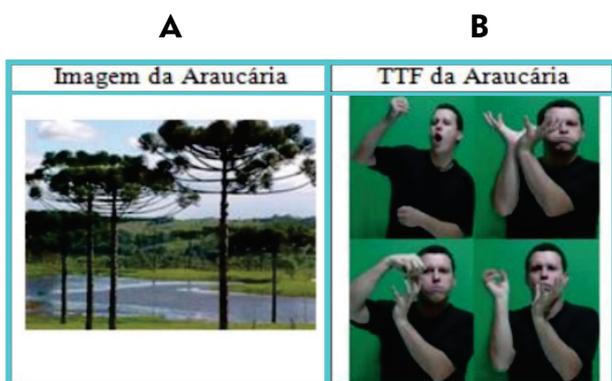
O exemplo abaixo permite visualizar a realização de um sinal seguido de uma DI de Transferência de Tamanho e Forma.



**Figura 01:**  
Sinal de urso seguido de uma DI de TTF (CAMPELLO, 2008, p. 166).

A FIGURA 1A indica o léxico padrão da língua de sinais em que a sinalizadora faz o sinal de URSO, enquanto que na FIGURA 1B, segunda imagem, vemos uma descrição imagética ou DI de TTF, que especifica o tamanho e a forma do animal, isto é, uma estrutura altamente icônica, uma transferência. Provavelmente, a imagem, por se tratar de uma foto, não nos permite visualizar todas as facetas possíveis dessa descrição, mas o tamanho do urso pode ser representado pela mesma configuração de mão em contorno a todo o corpo do animal. A forma também pode ser especificada pela descrição imagética ou DI, muitas vezes, demonstrando a espécie ou subespécie do animal, podendo ser um urso panda, urso polar, urso pardo e assim por diante.

A propósito da DI TTF, em sua pesquisa, Luchi (2013) apresentou a imagem da FIGURA 2A para um surdo nativo. Em seguida, foi a ele solicitado que sinalizasse o tamanho e a forma da imagem, como pode ser visualizada na FIGURA 2B.



**Figura 02:** Imagem de Araucária. Figura 2b TTF de uma araucária (LUCHI, 2013, p. 76)\*.

Interessante perceber a riqueza de detalhes nessa descrição imagética ao fazer a transferência da forma e tamanho da copa da árvore, o que dessem

penha um papel especificador do tipo de árvore, isto é, trata-se de uma araucária. Luchi (2013), em sua pesquisa, analisou a interpretação dessa descrição para a língua portuguesa, havendo duas possibilidades: descrever a imagem ou o item lexical específico, que nesse caso é o nome da árvore típica de serras do sul do Brasil.

## TRANSFERÊNCIA ESPACIAL (TE)

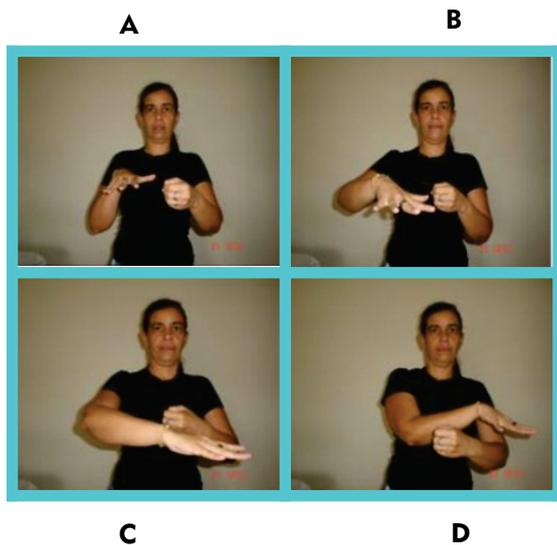
Podemos considerar a Transferência Espacial (TE) uma das mais complexas transferências, haja vista que o sinalizador transfere todos os elementos constitutivos de um determinado espaço, seja ele micro ou macro, como veremos nos exemplos. Para Campello (2008), todas as características da estrutura icônica são transportadas para o espaço de onde é inserida. E destaca que o espaço é influenciado pela [...]

[...] localização, profundidade espacial (tanto para baixo ou para cima), tamanho (no sentido da intensidade), isolamento, dos diferentes ângulos, com movimentos ou sem movimentos circulares, que pode ser com reto, em curvas, em curvilíneos, de quadrado, de retangulares, de triangulares, diferença de status e interesse intrínseco. (CAMPOLLO, 2008, p.214)

\* Além das imagens na dissertação de Luchi (2013), há links que indicam os vídeos das transferências que podem ser acessados em seu trabalho na íntegra pelo link: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/106845/322457.pdf?sequence=1>

Considera-se que as FIGURAS 3A, 3B, 3C e 3D, em que Campello (2008) ilustra a Transferência Espacial proposta pela pesquisadora.

**Figura 03:**  
Descrição Imagética do sistema solar. Transferência Espacial (CAMPELLO, 2008, p. 166).



Nessa transferência, podemos visualizar nas quatro imagens o centro do sistema solar, o sol, com os demais astros a sua volta. Além da própria complexidade encontrada nesse signo, outros elementos podem ser agregados a ele com o uso de referentes no espaço, indicando os planetas, satélites, as estrelas e outros astros. Além disso, "o fator profundidade espacial também pode ser observado em signo dimensional, bidimensional e tridimensional". Nessa transferência, não se pode analisar a existência de apenas um item lexical presente, "mas se ele está relacionado como signo que rodeia por outras coisas". Esse tem um traço espacial maior porque demonstra o único signo dentro de uma

localização vazia ou neutra (CAMPELLO, 2008, p.214).

Em sua pesquisa, Luchi (2013) apresenta a Descrição Imagética de algumas árvores e gatos. Nesse trabalho, apresentam-se as descrições apenas das árvores, complementando as exemplificações trazidas por Campello (2008). Anteriormente, Luchi (2013) mostrou uma Descrição Imagética com transfe-

rência de tamanho e forma.

A propósito da DITE, Luchi (2013) realizou pesquisa, apresentando a imagem de uma árvore em 3D, conforme a FIGURA 4A, para um surdo nativo e intérprete de LSB. Em seguida, foi a ele solicitado que sinalizasse a transferência espacial da referida imagem, o que pode ser visualizada na FIGURA 4B.



**Figura 04:** Árvore em 3D. Figura 4b: TE da árvore em 3D (LUCHI, 2013, p. 78).

Por se tratar de uma TE, pensamos automaticamente na utilização do espaço pelo sinalizador que, de fato, é importante nessa transferência, mas Campello (2008)

nos mostra a riqueza da construção espacial que “prende mais atenção do observador devido à complexidade dos signos e outras peculiaridades como os brilhos, os adornos e outros” (CAMPELLO, 2008, p. 214). Na FIGURA 4B, em especial, podemos ver um maior detalhamento do cenário: todos os espaços, a maçã caída no chão e localizada próxima à raiz da árvore, a composição da copa por vários ramos arredondados e a transferência do galho que sai do meio do tronco da árvore.

## TRANSFERÊNCIA DE LOCALIZAÇÃO (TL)

Na TL, caso os referentes no espaço não estejam bem direcionados, as informações de locais podem ficar comprometidas. Indicar para alguém um local como a quantas quadras fica o banco ou o restaurante, a informação poderá ser mal entendida quando a transferência de localização não for bem aplicada. Esses exemplos são simples, diante das complexidades possíveis de realização com essa descrição imagética. Acerca da TL, Campello (2008) considera que:

O que influencia da localização é a gravidade, direção que vai para frente, para atrás, do lado direito, do lado esquerdo, da alternância, de puxar, de soltar. Os signos visuais se designam aquilo tudo se reflete na imagem o que se vê e que alguns objetos podem ser utilizados como transferência espacial. No nosso mundo, o que atrai os signos visuais para baixo e para cima é a força gravitacional,

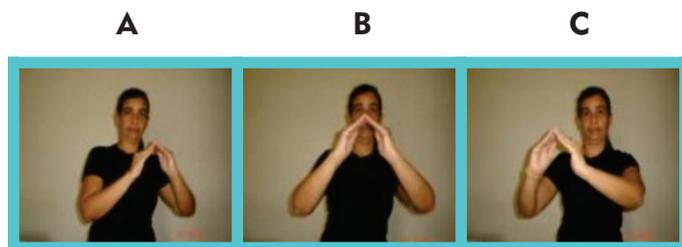
que na visualização, todo o signo que cai ou o signo que está no fundo ou o signo que está subindo ou o signo está lá em cima ou o signo que está em outros lados. O peso visual também se manifesta em outras direções com os movimentos para baixo ou para cima ou de outras direções como em dois lados. (CAMPELLO 2008, p 214).

A localização é um dos pontos mais importantes nessa transferência, é a forma como podemos explicar um signo em relação a outros, quer seja, para cima ou para baixo ou de grande velocidade ou de pequena velocidade. Campello (2008) mostra também a importância da direção do olhar para fazer marcações no espaço de sinalização, indicando a localização de alguns elementos discursivos na construção imagética, uma vez que os olhos são uma das particularidades mais importantes na sua direcionalidade para com o signo. Segundo a autora, “os olhos do observador se manifestam diante da situação ou do acontecimento ou da percepção visual que norteia em sua volta, [...] ou as CMs que podem simular como os olhos visuais”. (CAMPELLO, 2008, p. 214). Assim, durante uma transferência de localização, além do próprio corpo, os olhos também podem fazer retomadas dos referentes estabelecidos no espaço. É possível observar como ocorre a TL, a partir do sinal CASA, demonstrado nas FIGURAS 5<sup>a</sup> - o sinal CASA sinalizado no espaço à esquerda da sinalizante; na FIGURA 5B - o sinal CASA sinalizado no centro do corpo da

**As línguas de sinais vêm dos Linguísticos. A partir da Língua Americana de Sinais Stokoe (1960) comprovou abrindo um campo vasto mundo inteiro. No Brasil, a Língua de Sinais Brasileira década de 80 (Ferreira-Bri) língua de sinais tem sido diversos níveis: semântico fonético, sintático**

avançando muito nos Estudos e pesquisas realizadas nas línguas de Sinais (ASL), na década de 50, o status linguístico desta, e fértil para estudos no Brasil. Por exemplo, os estudos da Língua Brasileira de Sinais (LSB) iniciaram-se na década de 1980 (Lima, 1986). Desde então, a língua tem sido estudada em seus aspectos sintático, pragmático, fonológico, semântico e morfológico.

sinalizante; na FIGURA 5C - o sinal CASA realizado à direita da sinalizante.



**Figura 05:** sinal de CASA (esquerda), 5b sinal de CASA (centro) e 5c sinal de CASA (direita). (CAMPELLO, 2008, p.172)

Nas FIGURAS 5A, 5B e 5C, visualiza-se a DI da localização espacial de casas no espaço de sinalização. Essa forma de descrição é acompanhada posteriormente de uma realização do percurso do local que o referente está para o local que deverá chegar. Por exemplo, ao indicar o local da casa, em seguida, o sinalizador diz qual casa a que ele se refere ou mostra pela sinalização o percurso de uma determinada casa a outra ou de uma quadra a outra ou até de uma árvore a outra.

A propósito da DI TL, Luchi (2013, p. 80) realizou pesquisa, apresentando a imagem de quatro árvores em 3D, conforme a FIGURA 6A, para um surdo nativo e intérprete de LSB. Em seguida, foi a ele solicitado que sinalizasse a transferência de localização da referida imagem, o que pode ser visualizada na FIGURA 6B. Na FIGURA 06 apresentada em seguida, há a sinalização da TL das árvores menores, que está à frente do desenho na FIGURA 6A; na FIGURA 6B abaixo, há a sinalização da TL das árvores que estão atrás na imagem.

**A** **B**



**Figura 06:** 4 árvores em 3D, 6b TL das 4 árvores nas figuras. (LUCHI, 2013, p. 80).

A FIGURA 06A foi apresentada, de forma simples, visando à possibilidade de sinalização da TL pela duplicação do sinal em diferentes espaços. A localização das árvores pode ser percebida, analisando o tamanho delas no desenho, as da frente, são menores, as de trás são maiores. Visualizou-se essa possibilidade de realização de TL na sinalização do sinal ÁRVORE.

## TRANSFERÊNCIA DE MOVIMENTO (TM)

Na Transferência de Movimento (TM), Campello (2008) vai além do concreto para conceituá-la, partindo para algumas questões ideológicas presentes em alguns sinais como o de rico e pobre. Para a pesquisadora:

Esta transferência de movimento serve para conseguir o equilíbrio visual e pode-se usar várias maneiras de modo igual ou diferentes, como: uma imagem simples ou de uma imagem complexa (inúmeros signos que cobrem um campo inteiro), como duas imagens: simples e complexa. As características de Alto e Baixo mostram

as desigualdades de signos e sempre mostram a dualidade ou diferença ou oposto. É comum a associação dos signos visuais com sua concepção de desigualdade, o que passa a diferenciar seus contextos visuais. O contexto de rico/pobre, acadêmico/não-acadêmico, e muitos signos, passam a ter suas distinções visualmente [...] (CAMPELLO, 2008, p.215)

No entanto, a seguir, demonstram-se transferências de movimentos mais concretos, como a da tromba de um elefante e o andar de uma aranha.



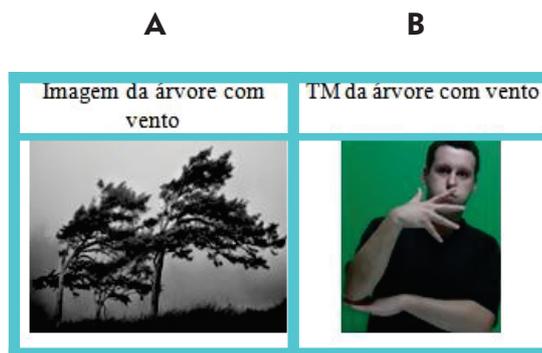
**Figura 07:** TM da tromba de um elefante (CAMPELLO, 2008, p.176)



**Figura 08:** TM das pernas de uma aranha (CAMPELLO, 2008, p.176)

A propósito da DI TM, Luchi (2013, p. 80) em sua pesquisa, apresentou a imagem de árvore com vento, conforme a FIGURA 09A, para um surdo nativo e intérprete de LSB. Em seguida, foi a ele solicitado que sinalizasse a transferência de movimento da referida imagem, o que pode ser

visualizada na FIGURA 09B. Neste exemplo, podemos compreender a importância de se desprender do sinal padrão para uma flexibilidade no movimento:



**Figura 09:** árvore com vento, 09B TM da árvore com vento. (LUCHI, 2013, p. 84)

Sendo uma descrição imagética de transferência de movimento, compreende-se que o latente nessa sinalização não é a iconicidade de uma configuração de mão, mas a observação de detalhes como um encurvamento da árvore. O parâmetro alterado aqui foi a orientação de mão, a mão saiu de uma posição vertical para diagonal.

## TRANSFERÊNCIA DE INCORPORAÇÃO (TI)

A Transferência de Incorporação (TI) pode conter todas as demais transferências em si. A diferença dela para as demais é que o sinalizador se torna o referente, atribuindo a si mesmo, tamanho, forma, espaço, movimento e localização. Nas descrições anteriores, era possível fazê-las fora de si, fazer descrições apenas no espaço neutro de sinalização em frente ao corpo sem se utilizar

do próprio corpo para apresentar e/ou representar os significados. Entretanto, nessa transferência ocorre diferente, como Campello (2008) nos mostra:

Esta estrutura reproduz várias ações ou imagens, tudo aquilo que o narrador coloca todos os objetos ou cenas no corpo do mesmo narrador. O narrador passa a mostrar as ações efetuadas ou sofridas no processo do enunciado humano, animal ou de objeto, e mais frequentemente, pode ser um não animado. O narrador passa a ser transformado em um objeto para caracterizar aquilo que sente ou mostra fisicamente. (CAMPELLO, 2008, p. 215).

Campello (2008) considera que a função do narrador, durante a sinalização de uma TI, é de incorporar o objeto, a pessoa ou a cena que quer narrar. É durante a sinalização que as expressões faciais ou corporais mostram o estado de espírito do sinalizante mediante aquilo que pretende mostrar. Na FIGURA 10, apresenta-se uma imagem de TI do aparelho reprodutor feminino.



**Figura 10:**  
TI do Aparelho reprodutor feminino (CAMPELLO, 2008, p.189)

Neste exemplo, vemos uma TI muito produtiva, a partir da incorporação do 'sistema reprodutor feminino' em parte do próprio corpo. Essa produtividade pode ser utilizada em contextos de aula, por exemplo, apontando o caminho percorrido por um espermatozoide até chegar ao óvulo. O próprio óvulo pode descer pelas trompas indo ao encontro do espermatozoide, entre outras possibilidades. O interessante nesta descrição é o reflexo do referente visível no corpo do sinalizador.

Luchi (2013), em sua pesquisa, se deparou com uma questão importante e que requer atenção. Estamos nos referindo à questão do espelhamento que será tratada a seguir.

## A QUESTÃO DO ESPELHAMENTO

Luchi (2013) traz a perspectiva da sinalização em relação ao referente. Visando a um melhor entendimento quanto à questão, rerepresentaremos na FIGURA 11, a seguir, a imagem da árvore em 3D para demonstrar uma com-paração entre imagem e descrição imagética, interligadas com o espelhamento.



**Figura 11:** Comparação entre imagem e DI (LUCCHI, 2013, p. 86).

Percebeu-se, primeiramente, que, no momento da descrição imagética, o sinalizador a fez na perspectiva de quem via a imagem a sua frente, isto é, espelhada. Na pesquisa de Luchi (2013), dois intérpretes desenharam a partir dessa sinalização do surdo, sem visualizar o desenho inicial, ou seja, não viam a imagem da árvore que inspirou o surdo a sinalizar, apenas a sinalização. A seguir, vemos os desenhos produzidos pelos dois intérpretes mostrando outra perspectiva de visão frente à sinalização:



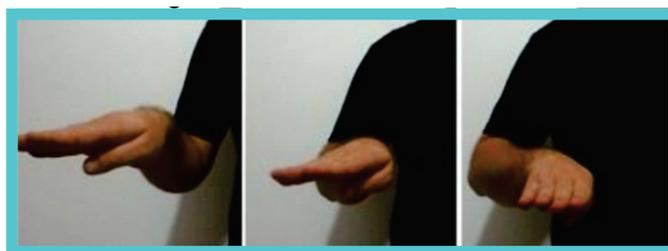
**Figura 12:** Comparação entre a imagem e os desenhos produzidos pelos intérpretes (LUCHI, 2013, p. 86).

A questão do espelhamento é bem complexa quando se trata da interpretação de língua de sinais, pois equívocos na informação podem ocorrer quando falamos da direção do sinal em relação à perspectiva. Podemos refletir: o intérprete deve descrever oralmente a partir de sua visão da sinalização ou deve se colocar na perspectiva do sinalizador e assim fazer a descrição? No caso do desenho, como é possível ver na sinalização, o surdo fez em sua perspectiva de visão como se estivesse vendo o desenho em sua frente. O espaço sintático ou topográfico na língua de sinais

se refere ao mapeamento espacial, isto é, o espaço no qual os sinais são realizados, podendo ser para descrever o traçado de um objeto ou um sujeito no espaço (PIMENTA & QUADROS, 2009). Algo interessante em relação ao espelhamento é que não há uma regra para canhotos ou destros sinalizarem, ambos devem fazê-la no lado que acharem mais conveniente, desde que mantenham em si mesmos esse padrão.

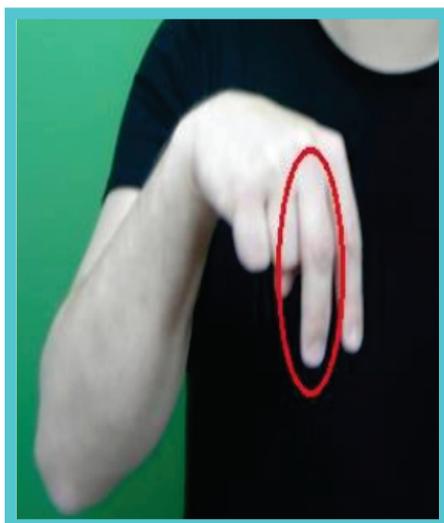
Contudo, quando os referentes são estabelecidos no espaço previamente, por meio de um apontamento, por exemplo, onde o sujeito está ou estava presente, não é possível fazer esse espelhamento, deve-se apontar exatamente para onde ele está ou estava.

Para que possamos compreender como essa informação afeta diretamente a compreensão de quem vê a sinalização e onde os equívocos podem ocorrer, pensemos numa prova de autoescola (Centro de Formação de Condutores). Na imagem que segue, apresenta-se a sinalização do trajeto de um carro fazendo uma curva. E essas imagens são lidas da direita para esquerda, para que possamos compreender a sequência:



**Figura 13:** Carro virando à direita (LUCHI, 2013, p. 87).

Na perspectiva de quem está sinalizando a imagem, o carro está indo para a direita e, na perspectiva de quem está vendo a sinalização, o carro está indo para esquerda. Se quem está vendo não se colocar no lugar do sinalizador a compreensão da informação pode ser equivocada. Outro exemplo que não seria muito comum: num contexto hospitalar, provavelmente, o surdo apontará onde sente a dor, mas que pode nos ajudar a compreender equívocos possíveis numa interpretação por causa do espelhamento. Imagine-mos que o surdo use uma descrição imagética para apontar perna que está doendo e aponte para a perna direita, e quem está vendo, um possível intérprete, pode dizer que se trata da perna esquerda.



**Figura 14:** DI – pernas de pessoa (LUCHI, 2013, p. 88).

Como os dados mostraram, apesar de não ser possível generalizar, os

intérpretes podem fazer esse espelhamento, portanto, essas ocorrências podem aparecer em alguns casos. Nesse sentido, uma reflexão que podemos fazer é que os intérpretes, ao realizarem uma interpretação de Libras para português, num momento de DI, façam a partir da perspectiva de visão do surdo, e não de sua própria, para evitar possíveis equívocos.

## CONSIDERAÇÕES

Este trabalho teve como objetivo geral apresentar as Descrições Imagéticas apresentadas por Campello (2008) e alguns desdobramentos dessa pesquisa, como o estudo de Luchi (2013).

Não se atentou para uma análise comparativa entre o uso dos Classificadores em contraposição ao termo Descrições Imagéticas, mesmo que, em sua tese, Campello (2008) tenha problematizado o perigo de se analisar as línguas de sinais em bases de línguas orais, podendo gerar um apagamento da visualidade. Espera-se que novas pesquisas tragam essa perspectiva, lembrando da natureza icônica das línguas sinalizadas.

A literatura vem mostrando que o diferencial da cultura e identidade dos surdos está em perceber o mundo prioritariamente pela visão, dessa forma, a estrutura da língua, como artefato cultural, que acompanha a visualidade. As ques-

tões levantadas neste trabalho devem ser discutidas e contempladas na educação dos surdos para que as orientações para professores de surdos não se pautem em apenas dizer que as aulas devem ser visuais, com mapas e imagens, mas que, juntamente com essas ferramentas, seja apresentada aos surdos uma língua rica em produções das mais diversas naturezas.

## REFERÊNCIAS

CAMPELLO, A. R. Pedagogia Visual / Sinal na Educação de Surdos. In: QUADROS, R. M.; PERLIN, G. (Org.) Estudos Surdos II. Petrópolis: Editora Arara Azul, 2007.

CAMPELLO, A. R. Pedagogia Visual na Educação dos Surdos. 2008. Tese Doutorado – Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 2008.

CUXAC, C. Fonctions de l'iconicité. In: La Psychologie de l'enfant Sourd, Benoît Virole, Paris: Edilob, 1996.

LUCHI, M. Interpretação de Descrições Imagéticas: onde está o léxico? Dissertação de Mestrado (Estudos da Tradução). UFSC, Florianópolis. 2013.

PIMENTA, N. & QUADROS, R. M. Curso de LIBRAS II. Rio de Janeiro: LSB Vídeo, 2009.

PIZZUTO, E. et al. Dêixis, anaphora e estruturas altamente icônicas. Em: Quadros, R. & Vasconcelos, M.L. Questões Teóricas das pesquisas em Língua de Sinais, 9º Theoretical Issues in Sign Language Research Conference, Florianópolis: Editora Arara Azul. 2008.

STOKOE, W. C. (1960) (Revised Ed. Printed in 1978) Sign Language Structure. Silver Spring, MD: Linstok.

**“O PERIGO DE SE ANALISAR AS LÍNGUAS DE SINAIS EM BASES DE LÍNGUAS ORAIS, PODENDO GERAR UM APAGAMENTO DA VISUALIDADE. ESPERA-SE QUE NOVAS PESQUISAS TRAGAM ESSA PERSPECTIVA, LEMBRANDO DA NATUREZA ICÔNICA DAS LÍNGUAS SINALIZADAS”**